



Editora
Betânia

NÃO SOU MEU

Walter Kaschel

Se Jesus Cristo é meu Senhor,
o que ele quer de mim?



Não sou Meu

Se Jesus Cristo é meu Senhor, o que ele quer de mim?

Walter Kaschel

Editora Betânia

Digitalizado por SusanaCap



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Publicado no Brasil com a devida autorização.
Todos os direitos reservados pela
EDITORA BETÂNIA S/C
Caixa Postal 10
30.000 Venda Nova, MG
7.ª edição - 1975
É proibida a reprodução total ou parcial sem
permissão por escrito dos editores.
Impresso nas oficinas da
EDITORA BETÂNIA S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435
Belo Horizonte (Venda Nova) MG
Printed in Brazil

ÍNDICE

Capítulo I.....	6
A Doutrina da Mordomia.....	6
I - Significado da palavra.....	6
II - Base bíblica da doutrina.....	7
III - Valor da doutrina para a vida cristã.....	10
IV - O supremo exemplo.....	12
Capítulo II.....	13
A Mordomia da Personalidade.....	13
I - Definição.....	13
II - A mordomia do corpo.....	14
III - A mordomia da mente.....	16
IV - A mordomia do espírito.....	17
Capítulo III.....	21
A Mordomia da Influência.....	21
I - Característicos da influência.....	21

II - Retratos de Jesus.....	22
III - Esferas de influência.....	23
Capítulo IV.....	27
A Mordomia das Oportunidades.....	27
Introdução.....	27
II - Espécies de oportunidades.....	28
III - A vocação como oportunidade.....	31
Capítulo V.....	33
A Mordomia do Tempo.....	33
Introdução.....	33
I - Preciosidade do tempo.....	33
II - Nosso tempo pertence a Deus.....	35
III - O tempo desperdiçado.....	36
IV - Recomendações para o bom uso do tempo.....	38
Capítulo VI.....	40
A Mordomia dos Bens.....	40
Introdução.....	40
I - O que o dinheiro representa.....	40
II - Mordomia no ganhar.....	41
III - Mordomia no usar.....	43
IV - Nosso modelo.....	44
Capítulo VII.....	46
O Dízimo na Bíblia.....	46
Introdução.....	46
I - O dízimo de Abraão (Gênesis 14:18-24).....	46
II - O dízimo de Jacó (Gênesis 28:18-22).....	47
III - O dízimo incorporado à Lei.....	48
IV - O dízimo na história de Israel.....	50
V - O dízimo em vigor no Novo Testamento.....	51

<u>VI - Exemplos de contribuição no Novo Testamento.....</u>	<u>54</u>
<u>Capítulo VIII.....</u>	<u>56</u>
<u>O Dízimo na Experiência Cristã.....</u>	<u>56</u>
<u>I - Razões por que o crente deve dar o dízimo.....</u>	<u>56</u>
<u>II - Três fatos importantes com relação ao dízimo.....</u>	<u>58</u>
<u>III - Resultados da contribuição do dízimo.....</u>	<u>59</u>
<u>IV - "Fazei prova de mim".....</u>	<u>61</u>
<u>Capítulo IX.....</u>	<u>62</u>
<u>A Mordomia e a Igreja.....</u>	<u>62</u>
<u>I - A mordomia missionária da igreja.....</u>	<u>62</u>
<u>II - O plano financeiro de Paulo.....</u>	<u>63</u>
<u>III - Por que contribuir para a igreja.....</u>	<u>65</u>
<u>Questionário.....</u>	<u>68</u>

CAPÍTULO I

A DOUTRINA DA MORDOMIA

I - SIGNIFICADO DA PALAVRA

1. Definição

Mordomo é a pessoa incumbida de administrar as propriedades e os bens de outrem. É o administrador, a quem o senhor entrega aquilo que possui, para ser cuidado e desenvolvido.

Em linguagem bíblica, isso quer dizer não só terras, dinheiro e os bens materiais, de modo geral, mas também o cuidado da esposa e dos filhos, a reputação do senhor e até sua própria vida. Daí se depreende o que o Senhor espera de nós, ao nos constituir mordomos seus.

2. Exemplos

Há dois incidentes bíblicos que nos ajudam a esclarecer os misteres de um mordomo.

O primeiro encontramos em Eliézer, servo de Abraão. *Disse Abraão ao seu mais antigo servo da casa, que governava tudo o que possuía.* Gên. 24:2. No caso presente, Eliézer é incumbido de procurar uma esposa para Isaque, o que representava um encargo difícil; sabemos, porém, que ele o fez com grande sabedoria, de modo a alegrar o coração do seu velho senhor. Poderá o Senhor depender de nós, como Abraão do seu mordomo? Lembremo-nos de que a qualidade distinta de Eliézer era seu espírito de oração. Se soubermos dobrar os joelhos perante o Senhor, ele nos ensinará esta

arte difícil, mas gloriosa sobre todas, de sermos mordomos seus.

O segundo passo bíblico trata de José. Abramos em Gên. 39:4 e 6, onde lemos que José achou graça aos olhos de Potifar, assistente do rei, e *ele o pôs por mordomo de sua casa, e lhe passou às mãos tudo o que tinha... Potifar tudo o que tinha confiou às mãos de José, de maneira que, tendo-o por mordomo, de nada sabia, além do pão com que se alimentava.* Tal pessoa devia, portanto, ser alguém de confiança, capaz de administrar os bens a ela entregues.

II - BASE BÍBLICA DA DOCTRINA

A Bíblia ensina por preceitos e exemplos que somos mordomos de Deus. Ele nos confiou a administração de bens e poderes que lhe pertencem, e a ele tão-somente.

As passagens bíblicas abaixo citadas serão suficientes para evidenciar o lugar saliente que a doutrina da mordomia ocupa na Bíblia.

1. O universo pertence a Deus

No princípio criou Deus os céus e a terra. Gên. 1:1

Mas Abrão lhe respondeu: Levanto minha mão ao Senhor, o Deus Altíssimo, o que possui os céus e a terra. Gên. 14:22

Bis que os céus e os céus dos céus são do Senhor teu Deus, a terra e tudo o que nela há. Deut. 10:14

Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam. Sal. 24:1

Teus são os céus, tua a terra; o mundo e a sua plenitude, tu os fundaste. Sal. 89:11

Depois de haver completado a obra da criação, Deus colocou Adão num jardim aprazível e a ele confiou as coisas criadas. Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. Gên. 2:15

Deus nunca entregou os direitos de propriedade a Adão ou a outro qualquer representante da raça, mas conservou-os para si mesmo, como Criador. Adão era simples mordomo. O homem só poderia ter direito de propriedade sobre aquilo que pudesse criar, entretanto nunca homem algum jamais foi capaz de criar coisa alguma.

2. O homem pertence a Deus

(1) Por direito de criação

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Gên. 1:27

Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Is. 43:1

Eu fiz a terra, e criei nela o homem. Is. 45:12

Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha. Ezeq. 18:4

(2) Por direito de preservação

Contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo os vossos corações de fartura e de alegria. Atos 14:17

Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos. Atos 17:28

Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste. Col. 1:17

Deus não somente nos criou, ele também nos sustenta na sua providência. Não criou o mundo e o abandonou à sua própria sorte. Pelo contrário, está profundamente interessado em tudo que se passa entre os homens, acompanhando o desenrolar da história e orientando-a para atingir seus propósitos eternos. Não fora um Deus sustentador do Universo e este mundo e a vida humana seriam uma impossibilidade.

(3) Por direito de redenção

Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo. I Cor. 6:20

O qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras. Tito 2:14

Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação. Apoc. 5:9

Fomos criados para glorificar a Deus (Is. 43:7; I Cor. 6:19-20), mas o pecado desviou o homem desse alvo. Era preciso que Deus o restaurasse, libertando-o do pecado, que o separava dele (Is. 59:2). Isso se realizou na pessoa de Jesus Cristo, que se ofereceu como propiciação pelos nossos pecados.

Um menino tinha feito, com muito esforço e capricho, um barquinho a motor. Satisfeito, brincava com ele à beira do rio, quando, de repente, o barquinho, impelido pela correnteza, lhe escapou das mãos. Triste, o garoto voltou para casa, sem esperanças de tornar a ver o barco, que tanto trabalho lhe custara. Qual não foi seu espanto ao ver o barquinho, certo dia, na vitrina de uma das lojas da cidade. Entrou e insistiu que o barco era seu, mas o negociante disse que só lho daria mediante o pagamento do preço estipulado. O menino voltou ao lar e narrou o incidente ao pai, que lhe forneceu o dinheiro necessário para a compra do barquinho. Célere, dirigiu-se à loja, onde comprou o barco que, de direito, já lhe pertencia. Ao sair, segurando bem firme em seus braços o precioso objeto, exclamou: "Agora você é duas vezes meu: é meu porque foi feito por mim e porque foi comprado por mim." Assim também nós pertencemos a Deus por direito de criação e por direito de redenção. Quando as correntezas do pecado nos afastaram das mãos divinas, e nos achávamos debaixo do domínio de Satanás, Cristo nos comprou pelo preço do seu sangue.

III - VALOR DA DOCTRINA PARA A VIDA CRISTÃ

Talvez não haja outra doutrina capaz de influenciar mais a vida de um crente do que a da mordomia, quando devidamente compreendida e praticada.

1. Antes de tudo, *deixará de existir em nossa vida a diferença artificial que, em geral se faz, entre atividades religiosas e seculares*. Religião não será mais uma atividade que tome de nós certos dias e horas. Cada minuto de nossa vida será sagrado, porque pertence a Deus. Nosso trabalho deixará de ser uma coisa mecânica e material para ser algo bafejado pela graça dos céus. Estamos cooperando com Deus no desenvolvimento e progresso de um mundo criado e mantido por ele mesmo. Quando Jacó fugia de seu irmão, teve a visão maravilhosa de uma escada, cujo topo tocava os

céus, e pôde ver o Senhor no seu trono de glória. Ao despertar do sono, exclamou: *Na verdade o Senhor está nesse lugar e eu não o sabia.* Gên. 28:16

O mordomo fiel, despertado por uma visão nova e mais ampla, verá Deus e sua mão em lugares e coisas que lhe pareciam despidas de caráter religioso. Não só a Igreja, mas o lar e a oficina de trabalho participam dessa esfera sagrada, porque Deus está em toda parte como criador e preservador. Não haverá mais coisas lícitas aqui e ilícitas acolá, porque todo o lugar que a planta do nosso pé pisar será terra santa (Êxodo 3:1-5).

2. Ainda, o conceito cristão de mordomia, *fará crescer o senso de nossa responsabilidade.* Aqui está perante nós um mundo criado por Deus, com tudo quanto nele há, por cujo desenvolvimento somos responsáveis. Aqui estamos nós mesmos, criados à imagem de Deus, e tendo de prestar contas da nossa vida, em toda a riqueza de suas manifestações. Aqui estão almas imortais, sem conhecimento da graça salvadora de Cristo, às quais nos incumbe levar a Boa Nova. Tremendas são as nossas responsabilidades como mordomos de Deus!

3. Cientes da nossa fragilidade e incapacidade para bem desempenhar nossa mordomia, *somos levados a depender do Espírito Santo*, que Deus faz habitar em nossas almas para conduzir-nos à vida abundante de despenseiros da sua multiforme graça (I Pedro 4:10).

Temos a promessa preciosa de Jesus que nos garante a assistência do Espírito, a fim de nos orientar no bom uso de nossa mordomia. Ele nos esclarece quanto aos nossos deveres cristãos, fortalece-nos para o desempenho da tarefa de cada dia, purifica-nos a fim de que sejamos *utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra.* II Tim. 2:21. Nenhum mordomo poderá servir com eficiência se não viver uma vida orientada pelo Espírito Divino.

IV - O SUPREMO EXEMPLO

Jesus não só ensina a doutrina da mordomia, como também a ilustra de modo muito claro, e sobretudo inspirador, em sua própria vida. Ele se reconhecia mordomo de Deus, encarregado da tarefa suprema de alcançar a reconciliação da raça humana. Sua vida toda, viveu-a ele orientada por esse propósito. Seu desejo constante era fazer a vontade daquele a cujo serviço se encontrava na terra.

Como mordomos de Deus não estamos palmilhando uma estrada virgem. Ela já foi percorrida por alguém que é o supremo modelo dos que desejam ser fiéis despenseiros. Ele nos deixou o exemplo, para que sigamos os seus passos (I Pedro 2:21).

CAPÍTULO II

A MORDOMIA DA PERSONALIDADE

I - DEFINIÇÃO

Podemos definir personalidade como sendo aquilo que caracteriza uma pessoa e a distingue de outra ou, analiticamente, como o conjunto das qualidades físicas, intelectuais, sociais e espirituais de uma pessoa.

Com efeito cada um de nós tem uma aparência física diferente, ao ponto de gêmeos não serem absolutamente iguais; temos modos diferentes de pensar e de agir em relação ao próximo e a Deus. Essas atitudes e atividades variadas nos caracterizam como indivíduos e ao mesmo tempo nos distinguem uns dos outros.

Este mundo é o jardim de Deus e as personalidades que nele existem são flores nesse jardim. Aqui, como em nenhum outro, encontramos uma variedade infinita de flores e perfumes, pois o Divino Jardineiro não deseja a monotonia, e a glória de cada flor, no seu colorido vário e perfume diverso, é crescer e encher-se da beleza que agrada ao Senhor de todas elas.

Personalidade é algo vivo, capaz de constante crescimento e desenvolvimento, tendo por modelo aquele que assim nos criou à sua imagem e semelhança. Personalidade é, pois, tudo quanto o indivíduo é e tudo que ele poderá vir a ser, pela graça e assistência de Deus. Como mordomos da nossa personalidade, nosso alvo deve ser o seu desenvolvimento continuado, com o fim de progredirmos ao máximo no serviço daquele que nos distinguiu com a honra de sermos despenseiros seus.

Iremos estudar neste capítulo os poderes físicos, mentais e espirituais da personalidade, reservando o próximo capítulo à discussão dos poderes sociais, sob o aspecto da mordomia da influência.

II - A MORDOMIA DO CORPO

1. *O corpo humano é maravilhoso.* Só mesmo Deus poderia ter criado coisa tão perfeita e completa. O Salmista, extasiado, exclama: Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem. Sal. 139:14

O mundo antigo celebrizou sete maravilhas, consideradas como monumentos do gênio humano. Incomparavelmente superior em sua estrutura a qualquer delas é o plano arquitetônico do cérebro. Aí temos colunas, câmaras, galerias e pilares, velados por cortinas rendilhadas; admiráveis corredores e um inextrincável labirinto de vias misteriosas, que jamais foram trilhadas por alguém. O cérebro é o quartel general do corpo, de onde partem as ordens que são executadas, através de um magnífico sistema de comunicações, chamado sistema nervoso.

Com o auxílio do sistema nervoso podemos ver, ouvir, provar, cheirar, falar, respirar, digerir, e assimilar o alimento.

Possuímos, em nosso corpo, o mais extraordinário laboratório químico, em que o alimento é transformado em ossos, músculos, cabelos, unhas, pele e inúmeros tecidos. Temos ainda uma bomba poderosíssima, o coração, que faz circular o sangue através do sistema circulatório. Seu sistema de ventilação é perfeitamente controlado pelas narinas, pulmões e pele. A única lente perfeita conhecida são os olhos; um dos aparelhos mais sensíveis ao som é o ouvido.

2. *Exemplo digno de imitação.* Helen Keller, desde tenra idade, ficou privada dos mais ricos privilégios naturais

concedidos a um ser humano. Cega, surda e muda, não julgou que essas deficiências devessem ser causa de desânimo. Orientada por sua bondosa e paciente professora, Miss Sullivan, chegou a falar à custa de mil sacrifícios e tornou-se credora da admiração do mundo inteiro. Num artigo intitulado "Três dias para ver", ela nos narra o que faria se lhe fosse concedido o privilégio inaudito de recobrar, por três dias apenas, o poder da visão. Assim termina seu magistral artigo: "Eu que sou cega posso dar este conselho aos que vêem: Usai os vossos olhos como se soubésseis que amanhã perderíeis a vista. E o mesmo método deve ser aplicado aos outros sentidos."

3. *O corpo humano, figura da igreja.* Querendo Paulo uma ilustração para uma igreja ideal, vai procurá-la no corpo humano, cujas partes se completam e em que cada uma exerce sua atividade especial, unificadas todas pelos centros nervosos, num sistema sem rival (I Cor. 12:12-31). Se os membros de nossas igrejas repetissem num trabalho harmônico o que se realiza no corpo humano, o reino de Deus receberia um enorme impulso.

4. *Habitação do Espírito Santo.* Foi esse corpo, tão cuidadosamente criado e mantido por Deus, que o Espírito Santo se dignou tomar por habitação. *Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.* I Cor. 6:19, 20.

Honra maior não poderia ser dada ao crente do que ter por companheiro constante o Espírito de Deus. É um privilégio sem paralelo, de que nos devemos aproveitar, dando-lhe um lugar cada vez maior em nossa vida.

Visto que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, devemos conservá-lo nas melhores condições possíveis. Se cuidamos da casa em que moramos, procurando mantê-la

sempre limpa e bem cuidada, quanto mais o nosso corpo, que se tornou habitação do próprio Deus!

5. *Devemos manter o corpo em bom funcionamento.* Para isso precisamos, antes de mais nada, de uma alimentação sadia e racional. Devemos evitar os alimentos prejudiciais à saúde. Há livros que nos orientam numa boa dieta. Devemos beber mais leite, comer mais verduras, menos carne e comidas gordurosas e de tempero forte. Os pais têm grande responsabilidade em orientar os filhos numa dieta equilibrada e saudável. É importante também que não pratiquemos excessos prejudiciais ao corpo. Há os que se excedem, comendo em demasia. Sua saúde forçosamente sofrerá. Há os que trabalham em demasia. Precisamos ter um limite para as nossas horas de trabalho. O corpo necessita de descanso, do contrário sofrerá abalos. Uma visita ao médico, periodicamente, é dever de todo bom mordomo do corpo. Não devemos esperar que a enfermidade chegue. É melhor prevenir do que remediar. Também o dentista deve ser procurado. Muitos males têm origem em infecções dentárias, que podem causar graves prejuízos ao organismo.

III - A MORDOMIA DA MENTE

1. A mente humana é um tesouro dos mais preciosos. Às vezes nos achamos pobres, sendo possuidores de um corpo tão maravilhosamente feito e de uma mente capaz das mais elevadas realizações! Somos ricos, riquíssimos mesmo, e devemos usar, como mordomos fiéis, essa riqueza que não se conta em dinheiro, mesmo porque ultrapassa tudo o que o dinheiro possa comprar.

Tomemos, por exemplo, uma atividade da mente — a memória. Por ela armazenamos uma multidão de fatos e coisas. Não é algo para render graças a Deus, essa capacidade que temos de guardar cada dia as informações e experiências recebidas, para, depois de dezenas de anos, voltarmos a esse repositório, abriremos-lhe a porta e vivermos

de novo a experiência que ali ficou guardada por tanto tempo?

2. *Temos o dever de desenvolver nossos poderes mentais.* Esse poder extraordinário da memória, Deus nos entregou, com os múltiplos outros da mente humana, para nosso uso. É nossa obrigação desenvolvê-los, visto que a mente humana tem uma capacidade incalculável de expansão. O crente que não procura crescer mentalmente, adquirir conhecimentos, educar-se e preparar-se para um serviço maior a Deus e ao mundo está pecando contra uma das suas mais gloriosas oportunidades. O trabalho de Deus exige mentes vigorosas e bem treinadas.

3. *Inimigos da mente.* Lembre-se dos inimigos da mente, que procuram destruí-la e inutilizá-la. A mente deve dominar o corpo e não o corpo a mente. O corpo é servo da mente e não senhor. Não permita que Satanás a domine. Sansão deixou-se dominar por Dalila. Aos poucos foi cedendo terreno, até que se viu derrotado nas mãos do inimigo. Assim Satanás investe contra nossas mentes com insinuações malévolas. Expulsemos-las antes que elas nos vençam. Um ditado inglês diz que não podemos evitar que um pássaro pouse em nossa cabeça, mas podemos impedir que ele aí faça seu ninho. Conserve a sua mente sempre recheada de alimento próprio — pensamentos nobres, atitudes dignas e desejos puros. *Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto... pensai nas coisas lá do alto.* Col. 3:1, 2 Este é o melhor antídoto para as investidas do diabo (Fil. 4:8).

IV - A MORDOMIA DO ESPÍRITO

1. *A predominância do espírito.* As forças mais poderosas dentro de nós são as de natureza espiritual. Elas é que devem dominar as forças físicas e mentais e determinar o caráter de nossas ações. No incrédulo domina o corpo, no crente é o espírito.

Alguém comparou corpo, mente e alma às três divisões do templo judeu. O corpo corresponde ao átrio dos gentios, a parte externa; a mente é o lugar santo, onde os sacerdotes ofereciam sacrifícios; a alma é representada pelo santo dos santos ou lugar santíssimo, onde o sumo-sacerdote penetrava uma vez por ano, para interceder pelos pecados do povo. Aí se encontrava a Arca do Concerto, símbolo da presença de Deus.

2. *Nosso dever de crescer.* Temos o dever de crescer constantemente na graça e no conhecimento de Jesus Cristo (II Ped. 3:18), assim robustecendo nossa alma com os manjares celestiais que o Senhor nos providencia.

Não há poderes, quer do corpo, quer da alma, que se desenvolvam sem exercício continuado e metódico. Se não podemos descurar dos nossos poderes físicos e mentais, muito menos podemos fazê-lo com os poderes espirituais. Seria uma anomalia encontrar crentes de físico forte e mente bem treinada, cujas almas vivessem raquíticas, por falta de alimento adequado e suficiente. A verdade é, porém, que encontramos crentes cujo crescimento espiritual está em desproporção flagrante com o crescimento físico e mental. Todos temos de lutar contra a tentação de negligenciarmos o alimento que vem do céu, o tônico fortalecedor da nossa vida espiritual.

3. *Recursos à nossa disposição.* Deus colocou à nossa disposição recursos abundantes para o nosso desenvolvimento, dentre os quais salientamos três: o estudo da Bíblia, a prática da oração e uma vida de serviço na causa do Mestre.

(1) A Bíblia — Manancial perene de inspiração e fonte inesgotável de poder para retemperar a alma do crente, ela deve ser procurada cada dia. Seus ensinamentos são para o nosso coração *mais doces do que o mel e o destilar dos favos.* Sal. 19:10

(2) A oração — Que mordomo, desejoso de fazer a vontade de seu senhor, não o procura para resolver problemas, para traçar planos, para ouvir seus conselhos, para palestrar sobre interesses comuns? Deixaríamos nós, mordomos do Rei Eterno, de confabular com ele sobre os interesses do seu reino? Deixaríamos de buscar sua orientação sábia e segura para nos desempenharmos galhardamente da nossa mordomia?

(3) O serviço — Não há privilégio maior do que o de trabalhar na seara divina. Seres imperfeitos, cheios de limitações, somos convidados a cooperar numa obra de valor eterno, que influência o destino de almas neste mundo e pela eternidade em fora.

Os psicólogos modernos têm verificado que a grande necessidade de homens e mulheres, com problemas de toda sorte, é lançarem-se de corpo e alma ao serviço de uma causa nobre. Para os problemas da personalidade, Jesus já tinha a solução que os psicólogos hoje procuram, quando disse: — *Porquanto, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa, achá-la-á.* Mat. 16:25. O homem que quiser viver uma vida normal e feliz, tem de vivê-la com a mente voltada para fora e não para dentro de si mesmo. Toda a espécie de infelicidade é causada pelo egoísmo. Quando o homem coloca a Deus e ao próximo como objetos de sua atenção, quando se dispõem a "perder" a sua vida em serviço alegre e desinteressado, terá descoberto a chave que abre as portas de uma vida feliz.

4. *Saúde espiritual.* Existem certos elementos essenciais à saúde do corpo, chamados vitaminas.

A ciência descobriu que a falta dessas vitaminas no organismo produz certas deficiências, que podem ocasionar graves males ao corpo humano.

Por isso, quando o médico verifica certos sintomas no doente, receita vitaminas para corrigir aquele mal.

Da mesma forma existem enfermidades da alma, que são provocadas pela falta de certos elementos na vida do crente. Ele deve orar ao Médico divino, que o ajudará a descobrir a causa da sua fraqueza espiritual e como corrigi-la.

Na medicina, as vitaminas são conhecidas pelas primeiras letras do alfabeto. Na medicina da alma as vitaminas vão até a última letra do alfabeto.

Examine a lista abaixo, veja qual a sua carência e tome diariamente as vitaminas que Deus lhe indicar, através da oração.

A mor	Rom. 13:8
B ondade	Rom. 12:20
C onsagração	Rom. 12:1
D iligência	Prov. 22:29
E ntusiasmo	Is. 41:6
F é	Marc. 11:22
G ratidão	Sal. 116:12
H umildade	I Ped. 5:6
I ntegridade	Dan. 1:8
J oialidade	Fil. 4:4
L ealdade	I Cor. 4:2
M ansidão	Sal. 37:11
N obreza	Atos 17:11
O bediência	I Sam. 15:22
P ureza	Prov. 22:11
R etidão	Sal. 119:1
S antidade	Heb. 12:9, 10
T rabalho	Mat. 21:28
U nião	Col. 2:2
V isão	Joel 2:28
Z elo	II Cor. 9:2

CAPÍTULO III

A MORDOMIA DA INFLUÊNCIA

I - CARACTERÍSTICAS DA INFLUÊNCIA

1. Inevitabilidade

O homem é um ser social. Se deseja desenvolver sua personalidade, precisa viver em agrupamentos para o bem dos quais contribui e dos quais recebe benefícios para a vida.

Nesse contacto social constante, os indivíduos exercem uns sobre os outros uma certa força, que denominamos influência. No mais das vezes é um poder inconsciente, o que vem aumentar a responsabilidade daqueles cuja preocupação é exercer influência nobre e elevada no ambiente em que vivem.

Podemos comparar a influência, com as ondas do rádio. Cada pessoa possui, por assim dizer, um aparelho, ao mesmo tempo transmissor e receptor de influência. Essas ondas de influência, invisíveis e imperceptíveis, cruzam a atmosfera social em que nos movemos e, a cada momento, estamos captando e irradiando ondas de influência, desde que iniciamos nossas atividades diárias até que as terminamos.

Paulo fala sobre essa inevitabilidade da influência. Diz ele que ninguém pode eximir-se de exercê-la ou sofrê-la. *Porque nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si.* Rom. 14:7. Jesus falou da influência como poder irreprimível: Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte... Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus. Mat. 5:14, 16

2. Durabilidade

Nossa vida é limitada a um número reduzido de anos na terra. Devemos, porém, vivê-la de tal maneira que essa influência se prolongue pelas gerações futuras, como perfume suave. O homem não deve deixar de viver quando morre e sim continuar vivendo, ainda mais intensamente, nas vidas abençoadas pela sua influência.

Como Abel, alcancemos a verdadeira imortalidade, pela fé. Dele se diz que, *pela fé, mesmo depois de morto, ainda fala*. Heb. 11:4. Por gerações ininterruptas, a vida de Abel tem sido e continuará sendo um sermão eloqüente.

Sejamos mordomos tais de nossa influência que, ao descansarmos de nossos trabalhos, as nossas obras nos sigam (Apoc. 14:13). Que, como no caso de Dorcas (Atos 9:36-39), haja aqueles que possam testificar do valor de nossa influência cristã sobre suas vidas.

II - RETRATOS DE JESUS

Não sabemos da fisionomia de Jesus. Ele nunca posou para que um artista o imortalizasse na tela. Também não precisava fazê-lo, pois seria imortalizado através das vidas daqueles que haveriam de crer nele e seguir seus preceitos. Esses seriam retratos do Mestre, reproduzindo no viver diário a imagem daquele que receberam pela fé. Por isso, Paulo diz que somos a carta de Cristo, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo (II Cor. 3:3). Só há um evangelho capaz de convencer os homens do poder de Jesus para salvar, e esse evangelho somos nós, cartas conhecidas e lidas por todos os homens (II Cor. 3:2) *porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo; tanto nos que são salvos, como nos que se perdem*. II Cor. 2:15

Sadhu Sundar Sing, o grande cristão da Índia, foi visitar certo pastor em Londres. A criadinha perguntou a quem devia anunciar. "Sadhu Sundar Sing", disse ele. A menina

não conseguiu guardar o nome e, dirigindo-se ao escritório do pastor, disse: "Está aí um senhor que deseja vê-lo". "Como se chama?" — indagou o pastor. "Desculpe-me", disse a criadilha, "não consigo recordar o seu nome, mas é um cavalheiro muito parecido com Cristo."

Um missionário às selvas africanas estava contando a uma tribo como Jesus ensinava e curava os enfermos. Os aborígenes ouviam silenciosos e reverentes a narrativa. Ao terminar o culto, dirigiram-se ao missionário e lhe disseram: "Esse Jesus já esteve aqui e morou conosco". O missionário pediu que o descrevessem e pela descrição compreendeu tratar-se de um missionário médico que ali estivera há anos passados. De tal forma imitara o seu Mestre, que os silvícolas o confundiram com ele. Quem nos dera assim nos tornássemos imitadores de Cristo!

Um jovem professor americano, numa escola do governo no Japão, assumiu o compromisso de não falar, aos seus alunos, de Cristo. Cumpriu a palavra, porém, tal era o seu testemunho que os alunos começaram a investigar o segredo de seu viver. Depois de alguns meses grande número desses rapazes se entregou a Cristo, a quem eles sabiam que o professor seguia. Foi o poder silencioso mas conquistador da influência.

III - ESFERAS DE INFLUÊNCIA

Todos exercemos influência, uns mais, outros menos, de acordo com o círculo de nossas relações.

Quanto maior a esfera de nossa influência, tanto maior a nossa responsabilidade. Quanto mais largo o âmbito de nossas relações, tanto maior a nossa oportunidade de servir a Deus e ao próximo. O crente deve procurar alargar o círculo de sua vida, para que assim possa exercer sua influência iluminadora de luz e preservadora de sal sobre o maior número possível de indivíduos.

Desejamos considerar aqui algumas esferas de influência.

1. O menor círculo de nossa influência, pelo número de indivíduos que o compõe, porém um dos maiores na sua importância, é o lar. Diariamente estamos exercendo influência sobre aqueles com quem vivemos. É no lar que vivemos nossa vida, mais real, sem a preocupação de escondermos a nossa personalidade, sem podermos ocultar aquilo que realmente somos e pensamos. Por isso mesmo verifica-se, muita vez, que a vida do indivíduo no lar está em conflito com a vida fora dele. Vendo-o no lar, e depois fora, nem parece tratar-se da mesma pessoa.

A vida do crente deve ser tal que não haja discrepância entre sua vida em família e a vida na sociedade. Ele não pode ser irritadiço, maledicente e profano no lar, para depois se apresentar na igreja com falsa aparência de piedade. Religião, para o mordomo fiel, não é capote para vestir quando vai à igreja e para dependurar no cabide, ao voltar para casa. O mordomo reconhece que a esfera do lar é tão sagrada quanto a esfera da igreja.

2. A escola é outro lugar em que a nossa influência se faz exercer poderosamente. Temos já um grande número de crentes em nossas escolas secundárias e um número considerável deles em nossas escolas superiores. Que oportunidade magnífica tem cada um deles de exercer sua influência evangélica sobre os seus companheiros de estudos!

Há tempos O JORNAL BATISTA publicava a notícia da conversão de um médico. Em seu testemunho dizia ter sido influenciado por um jovem colega de Faculdade, com quem não travara amizade pessoal, cuja vida íntegra, todavia, lhe despertara a atenção. Descobriu que o jovem acadêmico era crente e portador de uma vida pautada pela Bíblia Sagrada. Mais tarde, um crente se apresentou em seu consultório e lhe falou do amor de Cristo. A lembrança do colega lhe aguçou o interesse pela leitura das Escrituras. Em pouco tempo ele entregava a vida a Jesus. Esse estudante de medicina, que

assim influenciara o companheiro, era o Dr. Jaime de Andrade, até hoje uma testemunha fiel no exercício de sua profissão.

3. A influência do crente no seu *negócio*, no cumprimento de suas obrigações diárias, é, talvez, a mais poderosa, e aquela em que ele tem melhor oportunidade de exercer sua mordomia. "Negócio, é negócio, religião é à parte", diz o povo, como a querer expressar a idéia de que as duas coisas não têm relação nenhuma. O cristão evangélico não tem a religião e os negócios em compartimentos separados. Tanto na oficina de trabalho como na igreja tem como Senhor Supremo aquele que não faz distinções artificiais dessa natureza. O de que precisamos é transformar a mentalidade do nosso povo pelo nosso exemplo. Deve-se poder respirar tal atmosfera em nossas transações comerciais que, a qualquer momento, possamos intercalar no meio delas uma oração. Sabemos de negociantes que iniciam o novo dia de trabalho reunindo os empregados para um culto, em que se lêem as Escrituras, no qual se pede a orientação de Deus para os negócios do dia. Todo indivíduo, realmente cômico de sua mordomia, não poderá deixar de convidar o Sócio Divino para orientar seus negócios e deles participar.

4. A *igreja* é outro campo de influência. Nossas atitudes no culto estão influenciando outros. Nosso espírito de cooperação não poderá deixar de influenciar outros a colaborar também no trabalho. A liberalidade com que contribuimos levará alguém a imitar-nos. Se servimos no espírito de quem quer ser útil, e não no de vanglória, seremos uma inspiração para os nossos irmãos. Se mostrarmos uma atitude humilde, um coração pronto a compreender as faltas alheias e perdoar, se amarmos os fracos e procurarmos ajudá-los, se buscarmos em tudo o bem das almas que se perdem e a honra da Igreja que Cristo quer ver imaculada e preciosa, se tudo isso fizermos, estaremos administrando nossos dons *como bons despenseiros da multiforme graça de Deus*. I Ped. 4:10

5. A esfera mais ampla da influência do cristão é a *sociedade*. *O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado*. Mat. 13:33. Nosso ideal constante deve ser introduzir mais e mais do fermento do evangelho na massa da sociedade para que ela seja levedada, a ponto de se confundir com o reino dos céus mesmo.

Como crentes não devemos ser ascetas ou isolacionistas, que se segregam do mundo. Cristo mesmo não pediu isso ao Pai: *Não peço que os tires do mundo* orou Jesus e, *sim, que os guardes do mal*. João 17:15. Somos como o barco que está dentro d'água, sem deixar que ela nele penetre. *Não são do mundo, como também eu não sou*. João 17:14. Jesus viveu isento de pecado, apesar de ter vivido no meio dos pecadores. Assim devemos procurar, como nosso Mestre, todo o contacto com a sociedade que nos permita influenciá-la com o evangelho, sem permitir que a sociedade nos influencie no que tem de mau e corrupto.

O escafandrista vai ao fundo do mar para buscar as riquezas que este tragou e conserva avara-mente. Ainda que rodeado de imenso volume de água, ele se encontra isolado dela pelo escafandro. O crente penetra na sociedade em busca de almas preciosas mas, alcançando o seu objetivo, volta à tona, onde pode respirar o ar puro de um ambiente saturado do evangelho.

CAPÍTULO IV

A MORDOMIA DAS OPORTUNIDADES

INTRODUÇÃO

A oportunidade tem sido representada, muito apropriadamente, como uma entidade alada com topete e toda a parte traseira da cabeça calva. Ela voa célere, de modo que os homens devem andar bem avisados e agarrá-la pela frente, a fim de não acontecer que, ao procurarem alcançá-la depois de haver passado, tenham a desilusão de deslizarem seus dedos por sobre a sua calva fria.

I - O ensino de Jesus

A parábola dos talentos, narrada em Mateus 25:14-30 e a das minas em Lucas 19:11-27, encerram lições preciosas sobre a maneira sábia e inteligente com que nos devemos conduzir como mordomos de nossas oportunidades.

Um talento representava, nos dias de Jesus, uma quantia considerável. Ele, porém, não limitou a aplicação dessa parábola ao uso do dinheiro. O servo, a quem foram entregues cinco talentos, era o tipo daqueles que têm grande capacidade, dons abundantes e são capazes de desenvolver seus poderes pessoais acima da média dos indivíduos. O que recebera dois talentos é o homem de habilidade menor, enquanto o de um talento representa a média dos indivíduos, com possibilidades limitadas e colocados nas posições comuns da vida, para ali prestar 6. O servo infiel não foi o que mais capacidade tinha, e sim aquele a quem somente um talento fora entregue (Mat. 25:25-26). O pecado daquele homem foi negligenciar sua oportunidade, talvez por lhe

parecer pequena demais. O cristianismo tem sofrido mais pela negligência dos muitos que se julgam pouco aquinhoados, do que pela infidelidade dos poucos a quem o Senhor tem entregue talentos em número maior.

7. Um dos princípios básicos da mordomia, expressos por Cristo, se encontra exemplificado no acréscimo recebido pelo servo com dez talentos. A ele, que já tinha dez, foi entregue aquele talento que o mordomo infiel não desenvolvera, *porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.* Mat. 25:29

O mordomo fiel recebe maiores responsabilidades, que são maiores oportunidades para servir; o infiel perde até aquele pouco que não souber usar. Este princípio tem sido ilustrado na vida de milhões de crentes através dos séculos.

II - ESPÉCIES DE OPORTUNIDADES

Existem duas espécies de oportunidades: as que aparecem diante de nós sem que nada tenhamos feito para produzi-las e as que temos de criar pelo nosso esforço e diligência.

1. Oportunidades espontâneas

Elas são mais comuns do que pensamos. Estão ao nosso redor, à espera de que delas nos utilizemos, e constituem um desafio constante para o bom uso de nossas possibilidades latentes.

Uma razão por que não vemos as oportunidades ao redor é a nossa miopia espiritual. Acontece conosco o mesmo que se deu com o servo de Eliseu, que ao ver Samaria cercada, se deixou tomar de pânico. O profeta orou, então, ao Senhor para que abrisse os olhos do moço e ele pôde ver *que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de*

Eliseu. II Reis 6:17. As oportunidades pululam à volta de todo crente possuído de santas e elevadas ambições.

Essa miopia espiritual faz com que não vejamos nas coisas pequenas da vida oportunidades preciosas para o desenvolvimento de nossos dons. Não devemos, de modo nenhum, desprezar o dia das coisas pequenas, porque ele é a véspera do dia das coisas grandes. Fazemos das coisas pequeninas, e aparentemente insignificantes da vida, os degraus pelos quais havemos de chegar às realizações maiores e de mais vulto.

"Nos arredores de Edware, na Inglaterra, havia um ferreiro que costumava assobiar melodias, enquanto trabalhava, marcando-lhes o compasso pelas marteladas que ia desferindo sobre o ferro em brasa. Muita gente via aquele espetáculo e ouvia as melodias, repetidas vezes. Mas via e ouvia sem saber ver e nem ouvir. Um dia, forte temporal obrigou um senhor a ocultar-se na humilde oficina. Era o famoso Haendel. Mal ouviu a música — dizem alguns escritores — impressionou-se com ela a tal ponto que resolveu escrevê-la com variações e com o acompanhamento extremamente original do ruído do martelo sobre a bigorna. Originou-se, dessa maneira, o célebre trecho musical conhecido pelo nome de Harmonioso Ferreiro."

M. Rizzo.

O dom de ver as oportunidades da vida é, sem dúvida, um dos fatores necessários para usufruir as possibilidades que ela encerra.

2. Oportunidade criadas

Quem quiser realizar alguma coisa na vida tem de multiplicar as ocasiões pelo seu trabalho diligente, tem de transformar as coisas vulgares em coisas notáveis pelo seu engenho e iniciativa. Somente os que sabem criar

oportunidades poderão esperar êxito na vida. A oportunidade nem sempre se apresenta de modo atraente e convidativo. Freqüentes vezes ela vem coberta pelo manto da dificuldade. Quem desejar possuí-la, precisa coragem e perseverança, oração e esforço, para transformar essas mesmas dificuldades em oportunidades.

As Escrituras nos oferecem um exemplo encorajador na pessoa de Miriã. Incumbida pela mãe de depositar o cesto betumado, que continha o irmãozinho, em lugar seguro, essa jovem cheia de sagacidade soube transformar o problema sério e grave, de procurar um recanto em que o escondesse, em uma oportunidade feliz. Sabedora do sítio em que a princesa se banhava diariamente, para lá se dirigiu e deitou à margem do rio o cestozinho. Ao aproximar-se a princesa, descobriu o menino judeu e o apanhou carinhosamente. Percebendo a situação favorável, Miriã deixou seu esconderijo para oferecer à princesa seus préstimos na procura de uma ama judia para o menino. Assim conseguiu que Moisés, seu irmão e futuro libertador de Israel, ficasse livre de ser vítima de um soldado de Faraó para se tornar filho adotivo da princesa, e pudesse receber durante os primeiros anos de vida instrução bem retribuída no próprio lar paterno.

Em certa cidade havia uma senhora, conhecida como muito má. Ouvindo, porém, o evangelho, aceitou a Cristo.

Estava uma vez dando o testemunho de sua conversão, em uma pregação ao ar livre, quando foi alvejada por uma batata, que um malvado lhe atirou no rosto. Ao contrário de se alterar, como certamente faria se não fosse crente, ela ergueu a batata e a pôs na bolsa.

Não mais se falou sobre o caso, até que, em uma reunião de senhoras, ela veio com um saco de batatas para oferecer ao Senhor, explicando que a batata que lhe atiraram, ela cortou e plantou e agora fazia esta oferta de gratidão a Deus.

III - A VOCAÇÃO COMO OPORTUNIDADE

A vida é a mais preciosa oportunidade que Deus deu ao homem. Dependendo do uso que dela fizermos, poderemos torná-la uma bênção ou um fracasso.

O crente está interessado em tornar a sua vida um elemento de valor para o reino de Deus e para a sociedade em que vive. Para isso precisa com sabedoria resolver o que irá fazer dos anos preciosos que tem para gastar na terra, em que irá se ocupar, a fim de melhor realizar seus ideais e anseios.

Consciente de que sua vida é um depósito sagrado, o crente deseja usá-la da melhor maneira possível. Por isso tem de encarar com seriedade o problema fundamental da sua vocação e resolvê-lo de acordo com aquele que é doador da vida e diante de quem é responsável pelo uso dos seus dons.

Há um sentido especial em que Deus chama aqueles que hão de dedicar suas vidas inteiramente ao seu serviço como pastores, missionários, obreiros, etc. Sem essa chamada especial para o ministério das coisas sagradas, nenhum moço ou moça deverá aventurar-se a essas carreiras gloriosas mas espinhosas.

Há, porém, um sentido mais geral em que Deus orienta os crentes em geral nas carreiras que devem seguir, se procurarem saber sua vontade. Ele sabe qual é a melhor maneira de gastarmos nossa vida, pois conhece nossos dons e talentos melhor do que nós mesmos e antes que tenhamos verificado nossos pendores. Ele, portanto, poderá guiar-nos na escolha da nossa carreira e, depois da escolha feita e da preparação completada, tornar-nos uma bênção para o mundo na carreira por ele indicada.

Ele se utiliza de muitas maneiras para revelar-nos sua vontade. Ora é a palavra de pessoa mais experimentada ou o conselho de amigo, ora uma enfermidade ou uma experiência

alegre. No espírito de oração seremos capazes de descobrir seu desejo e ouvir sua voz.

Na escolha da nossa vocação dois fatores, portanto, devem ser tomados em consideração, se quisermos fazer da nossa vida uma bênção — procurar a vontade de Deus e abraçar a nossa vocação num espírito de serviço e não no desejo de glórias terrenas e vantagens materiais.

Muito podem fazer os pais no sentido de orientar os filhos na escolha sábia da sua vocação. Além da sua experiência, poderão usar livros, bem como encaminhá-los ao pastor e outras pessoas capazes de ajudá-los.

CAPÍTULO V

A MORDOMIA DO TEMPO

INTRODUÇÃO

Convencionalmente dividimos o tempo em períodos mais ou menos longos que chamamos segundos, minutos, horas, dias, meses, anos e séculos. Assim é que para descrever a parte da existência que alguém passa neste mundo dizemos, por exemplo, que fulano viveu vinte anos. Ainda que todos tomemos por base estas divisões do tempo, a vida de alguém dificilmente pode ser expressa em meses e anos. A vida é mais do que respirar, comer, beber, e exercer as funções do corpo. Entretanto, há muitos para quem a vida nada mais é do que isso. Jesus mesmo deixou essa verdade clara, quando indagou: *Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes?* Mat. 6:25

O tempo vale pela intensidade com que vivemos nossos dias e pela sabedoria com que nos aproveitamos deles. Por isso alguém que existiu somente vinte cinco anos pode ter vivido muito mais do que outro que chegou aos setenta anos.

I - PRECIOSIDADE DO TEMPO

O crente deve lembrar a cada momento que sua vida é sumamente preciosa e que tem o dever de ser um mordomo cuidadoso no dispêndio do seu tempo. Paulo assim recomendava aos Efésios: *Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e, sim, como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus.* Ef. 5:15-16

Um dia, atravessando o deserto, um viajante inglês viu um árabe pensativo, ao pé de uma palmeira. À pequena distância descansavam seus camelos, pesadamente carregados, revelando tratar-se de um mercador de objetos de alto preço, que ia vender suas jóias, perfumes e tapetes nalguma cidade próxima. Aproximou-se o inglês do negociante, com sua saudação jovial:

— Bom amigo, saúde! O senhor me parece muito preocupado. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Estou muito aflito, disse o árabe com tristeza, porque acabo de perder a mais preciosa de minhas jóias!

— Ora! respondeu o inglês, a perda de uma jóia não devia ser grande coisa para quem, como o senhor, leva sobre os seus camelos tão grandes riquezas. Não será difícil substituí-la.

— Substituí-la! exclamou o mercador, bem se vê que o senhor não sabe o valor do que perdi.

— Mas que jóia era essa? perguntou o curioso viajante.

— Era uma jóia, respondeu-lhe o seu interlocutor, como não se fará outra. Estava encravada num pedaço de pedra da Vida e havia sido feita na ourivesaria do Tempo. Adornavam-na vinte e quatro brilhantes, ao redor dos quais se agrupavam sessenta menores. Por aí o senhor vê que tenho razão de dizer que outra igual ninguém fará.

— Realmente, disse o inglês, devia ser de grande preço. Não acredita o senhor, entretanto, ser possível adquirir outra análoga, com muito dinheiro?

A jóia perdida, respondeu o árabe, quedando a cabeça pensativo, a jóia perdida era um dia, e um dia que se perde não se encontra mais.

Foi pensando, talvez, como o mercador árabe, que Horace Mann, apóstolo da instrução nos Estados Unidos, fez publicar este anúncio original:

"Perderam-se duas horas cravejadas de sessenta brilhantes cada uma. Não se dá recompensa a quem as entregar, porque essas jóias não se tornam a encontrar jamais".

Possuidores que somos de uma enorme riqueza, que são os minutos, dias e anos que temos para viver, saibamos aproveitá-la de modo a não termos de chorar, no futuro, dias mal gastos e horas perdidas. Transformemos cada minuto em jóia de valor real no serviço do Mestre!

II - NOSSO TEMPO PERTENCE A DEUS

Temos dito, e repetimos, que nossa vida pertence a Deus. Visto que o tempo, isto é, o período da existência que gastamos neste mundo, é parte da nossa vida, ele também lhe pertence.

Deus em sua bondade nos permite usar o tempo para ganharmos o nosso sustento, para nosso descanso, para recreio e todas as demais atividades da vida. Tão acostumados estamos em usar desse tempo que, com facilidade, nos esquecemos de que ele não é nosso e sim um depósito sagrado.

Um mínimo de nosso tempo Deus exige de nós para o seu serviço, e esse mínimo é um dia em sete. A guarda do domingo não é coisa facultativa. O homem que não observa "o sábio do Senhor seu Deus", está usando um tempo que não lhe pertence. Precisamos criar no meio dos nossos irmãos uma consciência mais esclarecida quanto à mordomia do domingo. Em Israel, a quebra do sábio sempre vinha acompanhada de outros pecados e prenunciava um período de decadência na vida nacional. Nenhuma igreja prosperará cujos membros são relaxados na observância do dia do Senhor.

Lembremo-nos, todavia, de que esse sétimo do tempo é um mínimo. Devemos organizar nossa vida de tal maneira

que possamos dar o máximo possível do nosso tempo as coisas espirituais e de valor permanente, e o mínimo indispensável às coisas materiais e de valor transitório.

O TEMPO

Laurindo Rabelo

Deus pede estrita conta do meu tempo,
É forçoso desse tempo já dar conta,
Mas, oh! como dar em tempo tanta conta,
Eu que gastei sem conta tanto tempo.
Para ter minha conta feita a tempo,
Dado me foi bom tempo e não fiz conta,
Não quis, sobrando tempo, fazer conta
Hoje quero fazer conta e falta tempo.
Oh! vós, que tendes tempo sem ter conta,
Não gasteis o vosso tempo em passatempo,
Cuidai, enquanto é tempo, em fazer conta.
Mas ah! se os que contam com esse tempo
Fizessem desse tempo alguma conta
Não chorariam sem conta o não ter tempo.

III - O TEMPO DESPERDIÇADO

É deveras lamentável de se ver como a maioria das pessoas mal emprega o seu tempo.

O tempo é diferente do dinheiro, em que este se pode guardar, mas aquele não pode ser acumulado. Tem de ser

usado à medida que nos é entregue por Deus, hora por hora, minuto por minuto.

Quem desperdiça o tempo prejudica-se a si mesmo. Não só a si mas também à sociedade, no meio da qual vive, e à qual deve a sua colaboração. Prejudica o seu próximo, cujo tempo precioso rouba. A tais pessoas temos desejo de dizer como o filósofo antigo: "Não me tires aquilo que não me podes dar."

Como podemos esbanjar o tempo precioso que Deus nos entrega?

1. Em conversas fúteis e inúteis.

É muito agradável conversar. Nossas palestras devem, entretanto, ter um conteúdo e um propósito. Conversas frívolas degeneram em mexericos destruidores.

2. Em leituras sem proveito.

Nosso tempo é escasso e extremamente valioso. Procuremos selecionar cuidadosamente o que lemos.

3. Em atividades não essenciais.

Há pessoas que gastam tempo demasiado em passeios, brinquedos, jogos e outras atividades sociais.

Precisamos de momentos para nos distrair, todavia, não devemos permitir que eles se tornem a parte mais importante de nossa vida.

4. Matando o tempo.

Muitas pessoas passam grande parte do tempo sem fazer nada de útil e produtivo.

Lembram-me a senhora a quem perguntaram o que fazia do seu tempo: "Às vezes estou sentada, pensando, e outras vezes simplesmente sentada," respondeu ela.

A maior dificuldade em relação ao desperdício de tempo está em que ele é feito, em geral, com coisas perfeitamente legítimas, se fossem praticadas dentro de certos limites.

IV - RECOMENDAÇÕES PARA O BOM USO DO TEMPO

(1) Procuremos ser *metódicos*. Um indivíduo que tem método na vida, vive no mesmo período de tempo duas vezes mais. Aprendamos a organizar nossas atividades de tal maneira que cada minuto valha seus sessenta segundos. Tenhamos planejada com antecedência a nossa vida rotineira, já que não podemos planejar para os imprevistos. Um indivíduo que sabe o que vai fazer, quando inicia o seu trabalho, já tem metade do trabalho feito.

(2) A *pontualidade* faz parte da mordomia do tempo. Ser pontual não é ser escravo do relógio, e sim não querer roubar aos outros aquilo que não lhes podemos dar. Se eu tiver de falar a um grupo de sessenta pessoas e me atrasar um minuto, terei lesado aquele grupo em sessenta minutos. Se esse atraso não foi por motivo de força maior, sou responsável perante Deus pelo mau emprego daqueles minutos. Poderá alguém dizer-me que um minuto não tem importância, mas é de minutos que a vida é feita. Formemos o hábito da pontualidade.

(3) Devemos ser *equilibrados* no uso do nosso tempo, isto é, dar tempo às coisas na proporção do seu valor. Indivíduos há que dão tempo demasiado aos divertimentos, outros ao trabalho e outros ainda ao descanso. Devemos sabiamente distribuir nosso tempo, com o objetivo de desenvolver uma personalidade em que cada coisa é feita e usada considerando o seu valor em relação à vida e à eternidade.

(4) O tempo mais bem empregado é aquele que gastamos *em favor de outrem*. Cada minuto usado em socorrer um necessitado, em apontar o caminho da vida eterna ao viajor desanimado, em levantar alguém caído, é uma jóia inestimável. Tais minutos são muito bem contados nos relógios divinos.

CAPÍTULO VI

A MORDOMIA DOS BENS

INTRODUÇÃO

É ensino claro da Palavra de Deus que toda a riqueza a ele pertence, enquanto nós somos simples despenseiros dela. Só Deus tem o direito de propriedade e o cristão somente o direito de posse, isto é, o direito de usar os bens materiais enquanto estiver neste mundo. O cristão verdadeiro reconhece que Deus é quem lhe dá forças para adquirir riquezas (Deut. 8:18).

Visto que esses bens são dados ao homem como usufruto, o mordomo procura usar as riquezas que Deus lhe confia para o bem do seu semelhante e para a extensão do reino de Deus na terra.

I - O QUE O DINHEIRO REPRESENTA

O homem trabalha certo número de horas por dia e recebe em troca certo número de cruzeiros. Esse dinheiro representa uma porção de sua energia física e mental, transformada em dinheiro, com o qual ele pode adquirir o necessário para o seu sustento. É o resultado do seu trabalho por determinado tempo, é parte da sua vida gasta numa certa atividade, que visa diretamente contribuir para o desenvolvimento da coletividade. Não exageramos, portanto, quando dizemos que o dinheiro é personalidade armazenada ou, por assim dizer, parte da vida transformada em moedas e papel.

Não há muito tempo, faleceu na América do Norte um homem que legou à filha uma pequena fortuna. O advogado que cuidava dos interesses do pai da moça entregou-lhe uma carta, deixada em seu poder pelo falecido. Era o seguinte o seu teor:

"Deixo-lhe uma quantia no banco e espero que seja suficiente para fazer face às suas despesas. Quero que pense nessa quantia não apenas como dinheiro, mas gostaria também que se lembrasse de que é parte de minha vida, dedicada ao seu bem-estar e à sua felicidade. Estão empregadas naquele dinheiro muitas das minhas melhores horas, horas de todos os dias, durante muitos anos. Está empregado também, nessa quantia, o meu cérebro, isto é, as melhores idéias que tive durante a minha vida de comerciante. Minha força física, minha energia e meu amor estão todos armazenados nesse dinheiro, que passa agora para o seu poder. Espero também que se lembre de que, ao usar o dinheiro que lhe estou legando, estará de fato usando a vida de seu pai. Peço-lhe, portanto, que não o desperdice, mas que o use como usaria meu tempo, meu esforço e meu amor. Alegro-me em lhe entregar, agora que não mais estou ao seu lado, parte da minha vida, para resguardá-la da necessidade e falar-lhe do meu amor."

II - MORDOMIA NO GANHAR

1. A arte de ganhar dinheiro

A Bíblia em lugar nenhum condena a aquisição de dinheiro, muito ao contrário, procura estimular esse dom, que nos vem de Deus mesmo. Nas parábolas dos talentos e das minas Jesus deixou claro que ganhar dinheiro é uma capacidade que Deus deu ao homem e que ele deve procurar desenvolvê-la.

Ganhar dinheiro é uma arte que todo crente deve cultivar. Uma das nossas necessidades é a de maior número de crentes genuínos que se esforcem por desenvolver sua capacidade aquisitiva. Não façam disso, entretanto, o fim de sua vida. Se o fizerem, estarão cometendo um pecado grave. É pelo amor do dinheiro, raiz de todos os males, que muitos têm sido levados à ruína espiritual (I Tim. 6:7-10).

2. Seu perigo

Certa senhora pediu, numa reunião de oração, que se lembrassem de seu filho porque estava ganhando muito dinheiro. A aquisição de uma fortuna rápida torna-se um perigo na vida do crente. Se ele, porém, acompanhar o desenvolvimento de sua fortuna com o joelho em terra e os olhos voltados para os céus, poderá torná-la uma bênção para o mundo e para o reino de Deus (Deut. 8:11-18).

Todo bom mordomo procura fazer Deus o sócio-gerente de seu, negócio. Quem constituir aí Deus orientador na administração do seu dinheiro não correrá o perigo de se deixar dominar pelo vil metal.

3. Princípio básico

Na mordomia do ganhar, uma coisa se faz absolutamente essencial, e esta é a honestidade. No pouco ou no muito, devemos fazer dela a regra número um das nossas transações comerciais. Se o negócio em que estamos como empregados ou patrões fere, de algum modo, a nossa consciência cristã, abandonemo-lo sem demora. O dinheiro ganho desonestamente, à custa do próximo, queima as mãos de quem procura ganhá-lo.

Há muitas maneiras solertes de furto, contra as quais o crente deve prevenir-se, como por exemplo: tomar dinheiro emprestado sem intenção de pagar ou sem ter para isso possibilidade; tirar vantagem de um negócio, aproveitando-se

da ignorância do próximo; pagar a alguém menos do que o valor do seu trabalho; faltar ao trabalho sem motivo de força maior; usar o dinheiro destinado a um fim para fim diverso; etc... etc...

III - MORDOMIA NO USAR

1. Responsabilidade

Não é fácil ganhar dinheiro honesta e cristãmente. Creio, porém, que é ainda mais difícil usar com sabedoria aquilo que ganhamos.

Paulo manda a Timóteo que recomende aos abastados, entre os de sua grei, *que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento, que pratiquem o bem, sejam, ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir, que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida.* I Tim. 6:17-19

2. Economia

A palavra economia vem da mesma raiz que a palavra mordomia, no grego. O mordomo é uma pessoa que sabe praticar a economia na administração dos bens que Deus lhe deu, por insignificantes que eles sejam. Se os membros das nossas igrejas fossem mais econômicos, seu dinheiro iria mais longe. O mal de muitos é não saberem distribuir, é não terem método no gastar. Se têm muito, gastam tudo; quando não tem bastante, tomam emprestado. Por isso a vida financeira de muitos evangélicos é uma pedra de tropeço diante dos incrédulos.

Um bom hábito na vida financeira é ter um orçamento para as despesas mensais. Os jovens, pensando em

estabelecer o seu lar, aprendam desde já a fazê-lo. Vivam dentro daquele orçamento e, se for possível, reservem um pouco para imprevistos, que sempre aparecem.

A questão do dinheiro é muito importante na vida do crente e revela seu caráter. O dinheiro é a pedra de toque que nos permite descobrir o quilate do cristão. A maneira de agirmos com respeito a ele, revela de modo saliente os traços essenciais da nossa personalidade.

IV - NOSSO MODELO

Jesus, ainda que fosse o Criador de todas as coisas, preferiu viver como pobre. *As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.* Mat. 8:20

Apesar da simplicidade da sua vida, ele precisava de dinheiro para si e para o seu grupo. Por isso escolheu um tesoureiro, Judas, a quem eram confiadas as ofertas para custeio das despesas do colégio apostólico. Os Evangelhos muito pouco falam do assunto, entretanto, podemos ver a mão sábia de Jesus cuidando da manutenção dos discípulos. Esse silêncio das Escrituras talvez queira ensinar-nos o valor subalterno que ele deu ao dinheiro. Todo interesse material ocupava um lugar subordinado aos interesses do reino. O Mestre não só nos ensinou a buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça, na certeza de que tudo mais nos seria acrescentado: ele mesmo exemplificou esse grande princípio em sua relação com o mundo material.

No milagre da multiplicação dos pães Jesus nos ensinou preciosa lição de economia, quando disse: *Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca.* João 6:12

Ao ser-lhe cobrado o imposto do templo (Mat. 17:24-27), ainda que não se sentisse obrigado a pagá-lo, mandou Pedro pescar um peixe em que se encontrava uma moeda e ordenou-lhe que o pagasse por si e por ele. A fim de não

escandalizar o povo, ao ser-lhe cobrada uma dívida, Jesus fez esse milagre. Nisso ele revela seu escrúpulo em questões financeiras.

Que os seus seguidores lhe imitem o exemplo!

CAPÍTULO VII

O DÍZIMO NA BÍBLIA

INTRODUÇÃO

Para tudo Deus tem um plano. Ele teve um plano para a criação, teve um plano para a construção da arca, teve um plano para o tabernáculo e depois para o templo, teve um plano, enfim, para tudo que realizou.

Deus tem também um plano financeiro para o sustento da sua obra. Esse plano encontramos claro em sua Palavra. Vamos, pois, examiná-lo cuidadosamente, a fim de nos orientarmos na parte que nos cabe nesse plano.

I - O DÍZIMO DE ABRAÃO (Gênesis 14:18-24)

1. Esta é a primeira referência bíblica ao dízimo.

De onde e de quem teria Abraão aprendido a dar o dízimo? Não temos qualquer resposta na Bíblia. Todavia, parece-nos evidente que ele o fizesse instruído por Deus, assim como agiu em relação aos sacrifícios e demais atos de culto por ele praticados.

2. Características do dízimo de Abraão

a) *Foi voluntário.*

Não foi pedido por Melquisedeque, mas oferecido espontaneamente por Abraão.

Não foi exigido pela lei, porque Abraão viveu 400 anos antes de ela ser dada por Moisés.

b) Foi dado em reconhecimento da sua mordomia.

Mas Abrão lhe respondeu: Levanto minha mão ao Senhor, o Deus Altíssimo, o que possui os céus e a terra. Gên. 14:22

O fato de Abraão reconhecer a propriedade divina sobre os seus bens o levou a entregar o dízimo.

c) O dízimo de Abraão foi um tributo de gratidão pela sua vitória (Gên. 14:20).

Dado como prova de reconhecimento das bênçãos divinas, o dízimo traz alegria ao coração do servo do Senhor.

d) Foi um ato de adoração.

Foi entregue ao sacerdote do Deus Altíssimo, àquele que representava o próprio Deus.

Quando o dízimo é entregue em espírito de culto e adoração a Deus, ganha um profundo significado para a nossa alma. Como os sacrifícios de cheiro suave, no culto antigo, constitui-se motivo de bênção espiritual ao nosso coração.

e) Notemos, ainda, que Abraão foi muito abençoado por Deus, tanto material como espiritualmente.

Esta é a experiência, através dos séculos, dos que têm sido fiéis a Deus no dízimo.

II - O DÍZIMO DE JACÓ (Gênesis 28:18-22)

1. Apresenta as mesmas características do dízimo de Abraão; foi voluntário, foi dado como expressão do reconhecimento de sua mordomia, foi oferecido por gratidão a Deus e como ato de adoração.

O fato de o dízimo de Jacó se revestir das mesmas características do de Abraão, demonstra claramente que ele havia recebido no lar instruções cuidadosas sobre o assunto.

Feliz do lar em que os pais instruem seus filhos nos deveres religiosos!

Os que aprendem desde a infância a contribuir liberalmente para a propagação do evangelho, não terão dificuldades em fazê-lo, quando grandes.

2. Notemos que esse voto, de dar o dízimo, foi feito por Jacó logo depois de uma profunda experiência religiosa.

O despertamento na vida religiosa traz sempre uma nova disposição de cooperar materialmente na extensão do reino de Deus.

Uma piedade que afeta somente o coração e não atinge também o bolso é superficial e efêmera.

3. Convém salientar ainda que Jacó foi grandemente abençoado por Deus.

Como seu pai, recebeu bênçãos materiais e espirituais.

Confirma-se assim a verdade de que Deus não falha em relação aos que lhe são fiéis.

4. Os dois exemplos que temos do dízimo oferecido antes da lei, primeiro por Abraão e depois por Jacó, servem para demonstrar que essa era prática comum, entre os servos de Deus, desde os primórdios da raça.

III - O DÍZIMO INCORPORADO À LEI

Examinemos rapidamente três das principais referências.

1. A primeira delas encontra-se em Levítico 27:30-32.

Na lei foram incorporadas várias práticas, já estabelecidas pelo costume entre o povo de Deus. Essa lei

sancionou também com a autoridade divina o costume antigo do dízimo.

Os judeus deviam dar o dízimo de tudo que a lavoura produzisse.

Há pessoas que alegam dificuldade em calcular o seu dízimo, mas o judeu escrupulosamente separava a décima parte do produto da terra.

Notemos que o dízimo é chamado santo ao Senhor. Santo quer dizer separado para Deus. Usar aquilo que é santo sempre foi condenado e castigado por Deus.

2. A segunda referência achamos em Números 18:20-32.

Aqui se esclarece a finalidade do dízimo, que era para o sustento do sacerdócio.

A tribo de Levi não recebeu qualquer porção de terra, quando foi dividida. Deveriam ser sustentados pelas demais tribos, para que se dedicassem inteiramente aos misteres sagrados.

3. A terceira referência encontramos em Deut. 14:22-29.

Aqui se acrescenta a idéia de que o dízimo era também para o amparo dos necessitados: os estrangeiros, os órfãos e as viúvas.

A promessa da bênção de Deus sobre os dizimistas fiéis vem clara no último versículo: *para que o Senhor teu Deus te abençoe em todas as obras que as tuas mãos fizerem.*

Assim o povo de Deus aprendeu a dar sempre o melhor para o culto divino e a dar as primícias de tudo que tivesse.

IV - O DÍZIMO NA HISTÓRIA DE ISRAEL

1. O dízimo era uma espécie de termômetro da vida espiritual do povo de Deus. Nos tempos em que se mantinham fiéis a Deus, davam também o dízimo. Quando, porém, vinham períodos de pecado e desobediência, negligenciavam o pagamento do dízimo.

2. As grandes reformas do Velho Testamento, em que o povo se voltava para Deus em arrependimento de pecados, traziam consigo também um retorno à contribuição do dízimo.

Na reforma de Ezequias, por exemplo, isso se deu.

Os levitas, como era natural, tiveram que abandonar os misteres sagrados para ganharem seu próprio sustento. Agora Ezequias reorganiza as turmas de sacerdotes e levitas e convida o povo a trazer dízimos. Com liberalidade trouxeram, de modo que, diz o texto, *fizeram montões e montões* (II Crôn. 31:6).

Na reforma de Neemias (Neem. 10:35-38; 13:10-13), o povo fez um pacto com Deus, de que traria as primícias das novidades da terra, do seu gado e dos seus filhos. Neemias exclama com energia e desassombro: *Por que se desamparou a casa de Deus?* Neem. 13:11. O povo se despertou da sua negligência e trouxe a parte consagrada ao Senhor.

3. O Velho Testamento termina com uma página dolorosa, na qual Malaquias condena diversos pecados em que o povo havia incorrido, entre eles a negligência no pagamento do dízimo. Adverte-os a que provem a Deus nessa parte, para experimentarem suas bênçãos abundantes (Mat. 3:7-12).

Notemos neste passo bíblico os seguintes fatos salientes:

a) O povo, ao invés de reconhecer as suas faltas, procura desculpar-se. *Vós dizeis* é a expressão chave do livro.

b) Temos aqui uma ordem: *Trazei*. É para todos os servos do Senhor trazerem todo o dízimo. Ninguém fica de fora, nem mesmo o mais pobre. A ordem é para trazer à casa do tesouro, que é a casa de Deus.

c) Temos aqui um motivo: *Para que haja mantimento na minha casa*. Se a igreja há de realizar a sua obra como deve, precisa dos dízimos de todos os seus membros. Só assim poderá sustentar integral e condignamente o ministério e realizar a obra missionária.

d) Temos aqui uma promessa: *Se eu não vos abrir as janelas do céu*. Deus nunca falhou em suas promessas.

V - O DÍZIMO EM VIGOR NO NOVO TESTAMENTO

Há os que afirmam que o dízimo pertence ao Velho Testamento, e que não temos nenhuma obrigação de pagá-lo.

O dízimo, entretanto, permanece na dispensação da graça.

1. Jesus declarou no Sermão do Monte que não veio revogar a lei, mas cumpri-la.

Devemos fazer distinção entre lei cerimonial e lei moral. A lei cerimonial ficou circunscrita ao Velho Testamento. Referia-se aos costumes próprios do povo de Israel, alimentação, etc. Há, porém, a lei moral. Essa permanece.

Os dez mandamentos por exemplo. Faziam parte da lei, mas permanecem até hoje, porque são princípios eternos, estabelecidos por Deus para as relações humanas.

Assim também acontece com o dízimo. Ele pertence à lei moral de propriedade. O princípio de que Deus é dono de tudo permanece, e com ele o nosso reconhecimento dessa propriedade, expressa através do dízimo.

2. Dirá alguém: Não há nenhum mandamento de dar o dízimo no Novo Testamento. De fato, não há, nem haveria necessidade disso. Tratava-se de uma prática generalizada.

Nessa base não deveríamos guardar o domingo, porque não temos mandamento positivo nesse sentido. Temos, entretanto, referências suficientes a reuniões de crentes no primeiro dia da semana para nos assegurarem que era esse o dia de guarda dos cristãos. O mesmo acontece com relação ao dízimo.

3. Há três referências ao dízimo no Novo Testamento. Duas delas, paralelas, se referem à recomendação de Jesus aos fariseus quanto ao dízimo (Mat. 23:23; Luc. 11:42). A terceira é a de Heb. 7:1-10, em que Melquisedeque aparece como figura de Cristo.

Na conversa com os fariseus, Jesus fala do escrúpulo deles em dizimar até as menores coisas, esquecendo-se do mais importante, que era a prática da misericórdia e da fé. Insiste com eles para que continuem a praticar o dízimo mas dêem atenção devida às obrigações morais.

Cristo está aqui, claramente, dando seu apoio à doutrina do dízimo.

Convém lembrar que Nosso Senhor declarou que se a nossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entraremos no reino dos céus (Mat. 5:17).

Neste caso, Jesus está colocando para nós um padrão mais alto que o dos fariseus. Estaria ele omitindo a prática do dízimo, parte integrante da justiça do fariseu? De modo nenhum.

4. A terceira referência ao dízimo, no Novo Testamento, é a de Hebreus 7:1-10. Pedimos ao leitor que examine cuidadosamente o trecho, para melhor poder acompanhar nosso raciocínio.

O autor está provando, nessa carta, a superioridade de Cristo sobre a velha dispensação e aqui, de modo particular, sobre o sacerdócio judaico.

Refere-se a Melquisedeque e ao dízimo que Abraão lhe pagou, acrescentando que este Melquisedeque era figura de Cristo. Sendo Melquisedeque figura de Cristo, quando Abraão lhe deu o dízimo, estava dando-o, em figura, ao próprio Cristo.

Se o crente Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, tipo de Cristo, os crentes hoje devem dá-lo ainda àquele que é sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.

O pensamento do versículo 8 pode ser assim parafraseado: "Enquanto no sistema mosaico recebem dízimos homens que morrem, isto é, os sacerdotes; ali, na dispensação da graça, tipificada por Melquisedeque e Abraão, recebe dízimos aquele de quem se testifica que vive para sempre — Jesus Cristo."

Jesus, pois, recebe dízimos até hoje dos crentes fiéis, através da igreja que ele instituiu e incumbiu da propagação do evangelho.

5. O último argumento a favor do dízimo no Novo Testamento é o do sustento do ministério sagrado.

Paulo em I Cor. 9, declara que o princípio do sustento do ministério, na dispensação da graça, é o mesmo que o da dispensação da lei. Ele está discutindo aqui o seu direito de sustento por parte das igrejas.

Fala do dever das igrejas de sustentar seus obreiros, usando várias figuras para ilustrá-lo, entre elas a do boi, que debulha.

Pergunta em seguida: *Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?* (v. 11)

No versículo 13 usa a ilustração do templo e do serviço dos levitas no altar, dizendo que eles tiravam do altar o seu

sustento. Qual era esse sustento? O dízimo, não há dúvida nenhuma.

Vem agora a conclusão do apóstolo, em que estabelece o princípio paralelo nas duas dispensações. *Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho.* I Cor. 9:14

Note a palavra *assim*. Quer dizer que do mesmo modo como eram sustentados os sacerdotes, assim devem ser sustentados os ministros do evangelho, isto é, com os dízimos entregues pelo povo de Deus.

É importante também o verbo: *ordenou*. Trata-se de uma ordem de Cristo, cuja autoridade merece ser respeitada. É um dever do crente, como era do judeu, entregar os dízimos para o sustento do ministério.

VI - EXEMPLOS DE CONTRIBUIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

Jesus veio dar ao Antigo Testamento uma significação mais ampla. Libertou a lei do jugo farisaico e lhe deu novo vigor espiritual. No princípio do seu ministério deixou claro que não viera para revogar a lei mas para completá-la (Mat. 5:17). Destarte, os preceitos da lei mosaica se revestiram de um significado novo e mais profundo nos ensinamentos de Jesus, como vemos no Sermão do Monte.

Como nas outras leis do Velho Testamento, o dízimo recebe na Nova Dispensação maior amplitude, no princípio da mordomia da vida e da propriedade. Esse princípio não exclui o dízimo, porém, vai além dele, assim como o Novo Testamento, sem excluir o Velho Testamento, o completa e amplia.

Por isso mesmo, o que encontramos no Novo Testamento são exemplos de contribuição que vão além do dízimo.

Tomemos o caso da viúva pobre. Ela não deu um dízimo, mas dez dízimos — deu tudo (Marc. 12:11-44).

Zaqueu, depois de convertido, se dispôs a dar metade dos seus bens aos pobres, portanto, cinco dízimos (Luc. 19:8).

Os crentes da Igreja em Jerusalém ofereceram tudo quanto tinham (At. 2:44, 45; 4:32-37).

Os crentes da Macedônia deram com sacrifício, muito acima das suas possibilidades, ao ponto de surpreenderem o apóstolo por sua liberalidade (II Cor. 8:15).

Os Coríntios foram convidados à contribuir *conforme a sua prosperidade* (I Cor. 16:2). Isto não poderia significar, em hipótese alguma, menos do que o dízimo.

CAPÍTULO VIII

O DÍZIMO NA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

I - RAZÕES POR QUE O CRENTE DEVE DAR O DÍZIMO

A razão principal foi apresentada no capítulo anterior: esse é o ensino claro da Bíblia, tanto no Velho como no Novo Testamento.

Além dela, convém acrescentar ainda as seguintes:

1. O cristão deve dar o dízimo porque os pagãos o faziam, e não queríamos que eles fossem mais liberais para os seus deuses de barro do que nós para com o Deus infinito, Criador dos céus e da terra.

2. O cristão deve dar o dízimo porque os judeus o faziam. Se eles, obrigados pela lei dizimavam e faziam ofertas alçadas, eu, constrangido pelo amor de Cristo, devo fazê-lo também.

O dízimo cristão deve, todavia, ser diferente daquele que o judeu dava. Ele dava um dízimo obrigatório, movido pelas exigências da lei; o crente dá um dízimo espontâneo, movido pelo seu amor a Deus e sua Causa.

Os cristãos substituíram a guarda cerimonial e exterior do sábado pela observância alegre e espiritual do primeiro dia da semana. O sábado judeu "nasceu de novo", por assim dizer, e a instituição resultante desse novo nascimento foi o domingo cristão. Assim também o dízimo deve ser "convertido", deve "nascer de novo", para que possa ser uma bênção no Cristianismo. A força externa da lei deve vir substituída pelo dinamismo interno do amor (II Cor. 9:7).

3. O crente deve dar o dízimo porque essa é uma boa norma de contribuição. Todo membro de igreja deve ser sistemático e proporcional na sua contribuição. Se ele há de adotar algum outro plano, fará melhor adotando o plano que o Senhor colocou para o povo de Israel.

O dízimo deve ser, todavia, considerado como um mínimo recomendável de contribuição e não como limite máximo de sua responsabilidade. O crente não se sentirá satisfeito em parar onde o judeu parou, mas quererá ir mais adiante. Visto que o cristianismo é superior ao judaísmo deve produzir resultados superiores na vida dos seus adeptos. O dízimo deve ser o primeiro degrau da escada, o ponto de partida para uma contribuição liberal que atinja as raias do sacrifício.

Colgate, o famoso perfumista, começou dando um décimo, mas cresceu ao ponto de dar nove décimos para o trabalho do Senhor. O crescimento espiritual do crente deve evidenciar-se não só nas graças intangíveis que movem o coração, mas também na graça tangível que move o bolso — a contribuição. A contribuição é, em regra geral, um bom termômetro do grau de espiritualidade e consagração do crente.

4. O crente deve dar o dízimo como expressão do seu reconhecimento da propriedade divina.

O solo, que o lavrador cultiva, pertence a Deus: *Porque a terra é minha; pois vós sois para mim estrangeiros e peregrinos.* Lev. 25:23; os minerais e os tesouros da terra e do mar são dele: *Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos.* Ageu 2:8; tudo que a terra produz é propriedade sua: *Fazes crescer a relva para os animais, e as plantas para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu, pão.* Sal. 104:14; *Pois são meus todos os animais do bosque, e as alimárias aos milhares sobre as montanhas. Conheço todas as aves dos montes, e são meus todos os animais que pululam no campo.* Sal. 50:10, 11

Ao entregar, pois, o crente, sua contribuição à igreja, está dando provas de que, como Abraão, reconhece que o Deus Altíssimo é possuidor dos céus e da terra (Gên. 14:19). Essa lembrança constante da mordomia de sua vida, provocada pela entrega dessa parte para o trabalho de Deus, conservá-lo-á sempre humilde e grato àquele que lhe tem providenciado o necessário para a vida.

Em I Crôn. 29 temos um salmo de louvor, em que Davi expressa a alegria do povo em poder contribuir para a construção do templo. Naquela sublime oração devem nos impressionar estas palavras: *Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, para que pudéssemos dar voluntariamente estas coisas? Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos.* I Crôn. 29:14

5. O crente deve dar o dízimo porque esse sistema de contribuição, como um mínimo, é o único capaz de resolver o problema financeiro das igrejas. Se cada membro de igreja fosse dizimista, o trabalho do Senhor não estaria sofrendo, nem os campos missionários clamando por reforço. Haveria bastante para todas as causas e o evangelho se espalharia rapidamente pelos quatro cantos da terra, apressando assim o dia da volta de nosso Salvador amado.

II - TRÊS FATOS IMPORTANTES COM RELAÇÃO AO DÍZIMO

Ao contribuir com esse mínimo, um décimo, devemos ter diante de nós três perguntas:

1. Como foi que ganhei esse dinheiro, do qual vou dar o dízimo? É essencial que ele tenha sido ganho honestamente, como resultado do trabalho e esforço do contribuinte, para que traga bênção ao seu coração.

2. Depois de ter dado o dízimo, quanto me resta? Para alguns, dar o dízimo é um ato de fé, por causa do salário mínguaado que recebem e da família numerosa que têm. Para

outros é uma parcela relativamente insignificante da sua entrada mensal.

A proporção da contribuição do crente deveria subir na razão direta do dinheiro que tem, isto é, quanto maior seu ordenado e quanto menor sua despesa forçada, tanto maior deveria ser, em proporção, sua contribuição.

3. Depois de ter dado o dízimo, o crente deve perguntar a si mesmo: Como irei gastar os outros nove décimos? É errôneo o ensino de que um décimo é de Deus e os outros nove são nossos. Todos os dez décimos pertencem a Deus, mas ele bondosamente permite que usemos parte para nossa manutenção e bem material, confiante em que daremos para a manutenção da sua santa Causa tudo que pudermos dar. O dízimo é o mínimo razoável que poderemos dar com uma consciência cristã esclarecida. Depois de entregar à Igreja o nosso dízimo, devemos pedir a direção divina para gastarmos sabiamente os nove décimos restantes. Eles são tão sagrados como o décimo que demos para o trabalho do Senhor.

III - RESULTADOS DA CONTRIBUIÇÃO DO DÍZIMO

1. Traz bênçãos à nossa vida

Muita ênfase tem sido dada às bênçãos materiais provenientes da prática do dízimo. Não duvido de que elas sejam reais na maioria dos casos; não devem, porém, ocupar o primeiro lugar nas nossas cogitações. As maiores bênçãos advindas de dar o dízimo são de natureza espiritual.

2. Torna o crente mais interessado e ativo no trabalho.

Em geral, os membros mais ativos da igreja são os que mais contribuem. Isso é natural. Jesus mesmo disse que *onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.*

Quando alguém está dando do seu dinheiro para uma causa qualquer, está interessado no progresso e desenvolvimento dessa mesma causa.

Alistar um crente como contribuinte regular é alistá-lo para as atividades da igreja. Quanto mais ele der, tanto mais cooperará.

3. Desperta seu zelo missionário

Se contribuo para a igreja, naturalmente quero saber os fins a que se destina meu dinheiro. Sabedor de que esse dinheiro vai para Missões, para Educação Ministerial e Beneficência, procurarei saber do desenvolvimento das diferentes agências que promovem esses trabalhos. Através da propaganda das várias agências denominacionais fico a par do trabalho missionário, seus problemas e suas possibilidades. Destarte, meu desejo de contribuir para a obra missionária e educativa, no Brasil e no estrangeiro, aumenta.

4. Traz alegria ao crente

O quadro da igreja incipiente em Jerusalém é pleno de contentamento. Eles comiam juntos com alegria e singeleza de coração (Atos 2:46). Não só comiam com alegria, mas com alegria repartiam seus haveres, segundo a necessidade de cada um. O fato de poderem depositar aos pés dos apóstolos seus bens trazia-lhes gozo profundo ao coração. A oferta feita no verdadeiro espírito de culto, movida pelo amor, não poderá deixar de trazer grande alegria ao coração do ofertante. *Deus ama. ao que dá com alegria*, e aquele que se priva de dar, priva-se de um dos maiores prazeres da vida cristã.

IV - "FAZEI PROVA DE MIM"

Os que têm experimentado a prática do dízimo, têm verificado que Deus não falha em suas promessas.

Um crente, nos Estados Unidos, estivera desempregado por algum tempo. Ao retirarem a oferta no domingo, deu metade do que tinha — cinqüenta centavos.

No dia seguinte, soube de um emprego numa cidade vizinha. A passagem de trem custava um dólar. Parecia que ele deveria ter guardado os cinqüenta centavos, que dera de oferta à Igreja. Entretanto, com os cinqüenta centavos que lhe restavam, comprou um bilhete, que o levaria até a metade do caminho. O restante faria a pé.

Antes de andar uma quadra, soube de uma fábrica que precisava de um empregado. Dentro de meia hora estava empregado. Qual o ordenado? Exatamente cinco dólares mais, por semana, do que ganharia se tivesse um dólar e viajasse até o lugar onde soubera haver uma vaga.

O pagamento da primeira semana lhe trouxe de volta os cinqüenta centavos dez vezes.

O homem, a que nos referimos, tornou-se mais tarde um grande fabricante de calçados.

CAPÍTULO IX

A MORDOMIA E A IGREJA

I - A MORDOMIA MISSIONÁRIA DA IGREJA

Só em tempos relativamente recentes têm sido as igrejas do Senhor despertadas para o seu dever missionário. Por muitos séculos ficaram adormecidas, satisfeitas consigo mesmas, sem lhes importar a sorte dos milhões sem Cristo. Com a ida de Carey à Índia, os cristãos evangélicos foram sacudidos da sua indiferença e as igrejas começaram a sentir um impulso novo, provindo do fervor missionário dos seus membros.

1. A missão precípua de uma igreja é evangelizar. Quando ela perder isso de vista, perderá sua razão de ser. Nenhuma igreja poderá manter-se forte e vigorosa, firme e fiel aos princípios do Novo Testamento, se não colocar como sua primeira cogitação a necessidade de buscar os perdidos e levá-los ao conhecimento de Cristo.

2. Mordomia e missões são inseparáveis. A ciência registra casos de gêmeos que nascem ligados pelo tronco e que se chamam irmãos siameses. Não podem ser separados, pois isso traria a morte a ambos. Assim acontece com a mordomia e as missões. Podemos denominá-las irmãs siamesas. Vivem tão intimamente relacionadas que, isolá-las, seria matá-las a ambas. A mordomia fornece o elemento material para o avanço missionário, enquanto que as missões oferecem o estímulo à prática constante e crescente da mordomia.

Igrejas doutrinadas na mordomia são igrejas missionárias, em que o povo dá com prazer. Igrejas bem informadas quanto às necessidades missionárias no mundo

são igrejas onde a mordomia é praticada pela entrega de vidas ao serviço missionário e pela constante contribuição de recursos materiais para mantê-lo.

Quem hoje quiser descobrir o segredo de igrejas fortes e progressistas, cheias de fervor evangelístico e de visões amplas, poderá fazê-lo sem dificuldades. Igrejas dessa natureza se encontram onde quer que as verdades da mordomia são apregoadas do púlpito e vividas na vida diária dos crentes.

Se nossas igrejas realmente apanharem a visão dos campos brancos para a ceifa e os crentes se compenetrarem da verdade de que não se pertencem a si mesmos, o problema financeiro delas estará em caminho de uma solução satisfatória. Se os crentes têm de fato o amor de Deus em seus corações, e são movidos de compaixão pelas almas que se perdem, não poderão deixar de contribuir com alegria e liberalidade para que o evangelho a elas seja anunciado.

Um ferreiro estava cantando a plenos pulmões, ao ritmo do martelo, que, pesado, moldava o ferro na bigorna.

— Por que está tão alegre, irmão Tomás? pergunta um transeunte.

— Ora, não sabe? estou pregando o evangelho em Portugal hoje, respondeu o ferreiro.

— O senhor está brincando; como pode ser isso?

— Não é pilhéria, meu irmão. Nossa igreja ajuda a sustentar um missionário em Portugal, e eu vou dar para o seu sustento tudo que fizer hoje; por isso me sinto tão alegre como se estivesse pregando um sermão em plena Lisboa.

II - O PLANO FINANCEIRO DE PAULO

O plano financeiro de Paulo, se adotado por nossas igrejas, produzirá os mais benéficos resultados e acabará

com os mil artificios, visando o levantamento do dinheiro para o trabalho do Senhor. Referindo-se à coleta para os crentes em Jerusalém, diz ele: *No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for.* I Cor. 16:2

Este plano, ainda que sugerido para uma oferta especial de beneficência, servirá como modelo de nossas contribuições regulares para a igreja local.

Nossa contribuição deve ser:

1. Periódica — *No primeiro dia da semana.* Em nosso caso diríamos, mensalmente, ou toda vez que recebermos nosso ordenado ou vendermos o produto da nossa lavoura. Assim como temos, individualmente, despesas forçadas todo mês, a igreja tem compromissos que precisam ser solvidos mensalmente. Por isso nossa contribuição não pode faltar sem acarretar prejuízo ao trabalho.

2. Pessoal — *Cada um de vós.* A igreja deve alistar cada um de seus membros na contribuição, desde o menor ao maior. O ideal é que se instrua o crente na graça de contribuir antes de ele ingressar para a igreja e que ele assuma, desde o princípio, um compromisso de ajudar a sustentar o trabalho. Se isso fizermos, evitaremos um esforço árduo mais tarde, quando procurarmos levá-lo a arcar com sua responsabilidade financeira.

3. Proporcional — *Conforme a sua prosperidade.* Se havemos de usar um método proporcional, por que não aquele que Deus mesmo colocou no coração dos patriarcas e ordenou que fosse gravado na lei de Moisés? O dízimo do nosso salário, entregue regularmente à igreja, é uma proporção razoável para se contribuir, lembrando sempre que essa proporção é um ponto de partida e não a meta final. Tocados pelo Espírito, à semelhança de Barnabé e outros cristãos do primeiro século, seremos levados a esquecer toda e qualquer proporção, para darmos tudo o que possuímos (Atos 4:32-37).

III - POR QUE CONTRIBUIR PARA A IGREJA

Vamos mencionar algumas razões, a nosso ver capazes de despertar qualquer alma realmente desejosa do bem da Causa de Cristo na terra.

1. Gratidão

A igreja é a instituição que Deus colocou entre nós para a propagação do evangelho. Foi por ela que chegamos a conhecer as boas novas. Não poderemos deixar de ser eternamente gratos a Deus pela salvação em Cristo. A maneira melhor de expressarmos essa gratidão é sustentarmos nossa igreja para que outros por meio dela venham também a gozar dos mesmos privilégios. Um crente que não contribui para a igreja não tem em grande valia o evangelho de que essa mesma igreja é propagadora.

2. Respeito

Paulo compara a igreja à noiva de Cristo, a quem ele, como noivo, amou estremecidamente e por quem se entregou sem reservas (II Cor. 11:2). Isso ele fez *para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito*. Ef. 5:27. No livro do Apocalipse a igreja é noiva adornada e preparada para a vinda do noivo, que a vai levar para sempre consigo.

Estas imagens nos sugerem o alto conceito em que os escritores sagrados tinham a igreja.

Se Cristo se prontificou a tudo dar para sua igreja, como ousaremos negar-nos a auxiliar no seu sustento, para que ela seja perante o mundo uma igreja gloriosa? Como permitiremos que a noiva de Cristo ande em andrajos, que desonrem seu divino noivo? Como negligenciaremos nossas obrigações para com ela, quando sabemos que Cristo fez tudo por ela? Como deixaremos de adorná-la e tratá-la com toda

decência e dignidade, sabendo que o noivo voltará um dia para buscá-la? Como nos havemos de apresentar perante ele naquele dia, se tivermos sido infiéis no cuidado da sua noiva, que ele entregou aos nossos cuidados?

3. Sustento do ministério

Quando nos unimos a uma organização é porque cremos que ela tem algum valor para nós. Não há organização que mais faça pelo homem do que a igreja. Além de trazê-lo à aceitação de Cristo, providencia um lugar onde ele possa alimentar-se espiritualmente, onde se possa treinar na vida cristã, onde possa ter convívio com pessoas do mesmo ideal, enfim, providencia para o crente o ambiente propício para o seu desenvolvimento espiritual.

Para que a igreja possa fornecer aos seus membros tudo isso, ela precisa de prédio próprio, equipamento adequado e, sobretudo e antes de tudo, um ministério que se dedique ao bem das almas. Tudo isso custa dinheiro e o crente deve ter prazer em sustentar dignamente aqueles que se consagram ao trabalho de providenciar para ele o cuidado pastoral. O ideal de toda igreja deve ser o sustento *integral e condigno* do seu obreiro. Precisamos acabar com a mentalidade de que o pastor se pode dedicar a outros misteres e nas horas vagas pastorear a igreja.

O Senhor Jesus, ao enviar os setenta, disse-lhes que dependessem para o seu sustento daqueles a quem ministravam a Palavra, *porque digno é o trabalhador do seu salário*. Luc. 10:7

Paulo diz: *Mas aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui*. Gál. 6:6

Em I Cor. 9 ele faz a defesa dos seus direitos e conclui reclamando para o ministro do Evangelho a mesma contribuição que o judeu fazia para o sustento dos sacerdotes e levitas: *Não sabeis vós que os que prestam*

serviços sagrados, do próprio templo se alimentam; e quem serve ao altar, do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho.

QUESTIONÁRIO

Capítulo I

1. Que é um mordomo?
2. Discorra sobre Eliézer como mordomo de Abraão.
3. Escreva sobre José como mordomo de Potifar.
4. Cite três passagens que falam de Deus como Senhor do universo.
5. Qual o tríplice direito de Deus sobre o homem?
6. Qual o valor da doutrina para a vida cristã?
7. Escreva sobre Jesus como supremo exemplo da mordomia da vida.

Capítulo II

8. Que é personalidade?
9. Mencione algumas das maravilhas do corpo humano.
10. A que compara Paulo o corpo humano em I Cor. 12?
11. Que passagem fala do nosso corpo como santuário do Espírito Santo?
12. Que devemos fazer para conservar em boas condições nosso organismo?
13. Qual o dever do crente em relação à mordomia da mente?
14. Quais os recursos para o desenvolvimento do espírito?
15. Cite alguns elementos essenciais à nossa saúde espiritual.

Capítulo III

16. Diga algo sobre a inevitabilidade da influência.
17. Que sabe dizer sobre a durabilidade da influência?

18. Quais são as cinco esferas da nossa influência?
19. Escreva sobre uma das esferas da nossa influência.

Capítulo IV

20. Dê cinco lições da parábola dos talentos.
21. Por que nem sempre vemos as oportunidades ao nosso redor?
22. Como soube Miriã transformar um problema em oportunidade?
23. Que dois fatores devem ser considerados na escolha da nossa vocação?

Capítulo V

24. Cite uma passagem que fale da mordomia do tempo.
25. Quanto de nosso tempo pertence a Deus?
26. Como podemos desperdiçar o tempo?
27. Que fatores nos podem ajudar a usar bem nosso tempo?

Capítulo VI

28. Que representa o dinheiro?
29. Discorra sobre a arte de ganhar dinheiro e seu perigo.
30. Em que foi Jesus exemplo para nós, quanto ao dinheiro?

Capítulo VII

31. Quais os característicos do dízimo de Abraão?
32. Quando foi que Jacó votou dar o dízimo?
33. Qual a finalidade do dízimo no Velho Testamento?
34. Discorra sobre o dízimo na história de Israel.
35. Que argumentos pode apresentar a favor do dízimo no Novo Testamento?
36. Cite exemplos de contribuição no Novo Testamento.

Capítulo VIII

37. Por que deve o crente dar o dízimo?
38. Que três perguntas devemos fazer em relação ao dízimo?
39. Mencione os resultados da contribuição do dízimo.

Capítulo IX

40. Qual a relação entre mordomia e missões?
41. Qual o plano financeiro sugerido por Paulo?
42. Que motivos nos devem levar a contribuir para a igreja?
43. Que benefícios recebeu do estudo deste livro?

PASTOR, O SR. VAI FALAR SOBRE MORDOMIA? ENTÃO A IGREJA DEVE ESTAR PRECISANDO DE DINHEIRO. BEM, ACHO QUE NÃO VOU PODER FICAR PARA O CULTO.

MAS, ESPERE AÍ! MORDOMIA NÃO É APENAS DINHEIRO!



AH, NÃO? ENTÃO O QUE É? PARECE QUE SÓ OUÇO ESTA PALAVRA QUANDO A IGREJA ESTÁ COM ALGUM PROBLEMA FINANCEIRO!

EU ENTENDO. MUITA GENTE PENSA COMO VOCÊ. MAS EU DESCOBRI



QUE A PALAVRA MORDOMIA ABRANGE TUDO QUE DEUS NOS DÁ E TUDO QUE ELE ESPERA DE NÓS.

OLIVRO **NÃO SOU MEU**, DO PASTOR WALTER KASCHEL, MOSTRA QUE MORDOMIA INCLUI:

- O TEMPO
- OS TALENTOS
- A ESFERA DE INFLUÊNCIA
- A PERSONALIDADE
- AS OPORTUNIDADES
- OS BENS MATERIAIS

BEM, VAMOS LÁ, PASTOR. ESTÁ NA HORA DE COMEÇAR O CULTO!



NÃO SOU MEU – WALTER KASCHEL

Neste livro, o conhecido conferencista aborda, em linguagem clara e sem rodeios, o importante conceito bíblico da mordomia cristã. Suas aplicações práticas dão vida aos princípios apresentados, mostrando ao leitor a relevância que têm para nossos dias.



Editora Betânia

Cx. Postal 10 – 30.000 Venda Nova, MG

Cx. Postal 21.477 – 01.000 São Paulo, SP

Cx. Postal 1165 ZC-00 – 20.000 Rio de Janeiro, RJ